

A DISCIPLINA POSITIVA NA INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: INTERPRETANDO ASPECTOS VERBAIS E NÃO VERBAIS DOS ALUNOS

POSITIVE DISCIPLINE IN TEACHER-STUDENT INTERACTION: INTERPRETING VERBAL AND NON-VERBAL ASPECTS OF STUDENTS

João Vitor Zanini Crema¹ Maria Laura Golfiere²

¹Advogado, Pedagogo e Especialista em História, Cultura e Poder; UNISAGRADO, jzcrema@gmail.com

²Tradutora, Pedagoga e Mestranda em Fonoaudiologia, Universidade de São Paulo – FOB/USP, marialauragolfiere@usp.br

Data de envio: 04/01/2021

Data de aceite 28/02/2021

RESUMO

Especialistas em Disciplina Positiva (DP) recomendam a prática da abordagem centrada na criança em diversas situações, de modo a compreender, através da comunicação verbal ou não verbal, o que está por trás de um comportamento. O objetivo desta pesquisa é apresentar conceitos a respeito da DP que justifiquem a sua importância no contexto da interação professor-aluno no processo de ensino aprendizagem, assim como introduzir possíveis estratégias e suas contribuições para a prática em sala de aula, frente a comportamentos verbais e não verbais, que os alunos comumente apresentam. Trata-se de uma pesquisa de caráter investigativo qualitativo realizada por meio de revisão bibliográfica.

Palavras-chave: Alunos. Disciplina Positiva. Comportamento. Estratégias Pedagógicas.

ABSTRACT

Specialists in Positive Discipline (PD) recommend the child-centered approach in various situations to understand, through verbal or nonverbal communication, what is behind a behavior. This paper aims to present concepts about PD that justify its importance in the context of teacher-student interaction in the teaching-learning process and introduce possible strategies and their contributions to the practice in the classroom, in the face of verbal and nonverbal behaviors that students commonly present. This qualitative investigative research is a bibliographic review.

Keywords: Students. Positive Discipline. Behavior. Pedagogical Strategies.

INTRODUÇÃO

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017) as primeiras formas de interação do bebê são os movimentos e posturas do seu corpo, o olhar, o sorriso, o choro e outros recursos vocais, que ganham sentido com a interpretação do outro. Quando não observados, esses aspectos que compõem comportamentos não verbais, podem comprometer o entendimento de pais, professores e/ou cuidadores, quanto às reais necessidades de seus filhos (as) e/ou alunos.

Dado o impacto destas “pistas” não verbais que também são uma das formas de comunicação, a literatura que discorre e estuda a disciplina positiva recomenda a abordagem centrada na criança, isto é, enfatizando a forma de abordagem em relação a criança nas mais diversas situações, de modo a compreender, através da comunicação verbal ou não-verbal, o que está por trás de um comportamento, de uma fala ou sua ausência, quando a criança fica em silêncio, mas que, na verdade, se bem observado, pode estar dizendo muito.

A partir do que traz a BNCC, pode-se dizer que a visão e a interpretação do professor para com os seus alunos são de tamanha importância, pois se o professor apurar com maior observação as ações e os comportamentos de seus alunos, é possível que formará uma nova visão a ponto de ver além do comportamento em si, mas qual o motivo dele, seja verbal ou não.

Dado a importância e ao impacto que o tipo de ensino poder surtir na aprendizagem dos alunos em geral, faz-se necessário a abordagem das habilidades socioemocionais, como um complemento primordial para entender os benefícios do uso da disciplina positiva para a interação professor-aluno.

Deste modo, no campo das habilidades socioemocionais, uma delas é essencial para qualquer interação, qual seja: a empatia. Ao se falar em empatia, pode-se dizer que não há uma única definição. Entretanto, seria como que um constructo multifacetado usado para mensurar a capacidade de compartilhar e entender os pensamentos e sentimentos dos outros.

Ademais, alguns autores afirmam que a empatia é melhor entendida como uma capacidade composta por vários lados diferentes que trabalham juntos. Porém, foi adotado para este estudo, a definição do psicólogo Daniel Goleman (2014). Segundo ele, a empatia é uma habilidade que se divide em três categorias:

- Cognitiva: capacidade cognitiva de perceber, reconhecer e discriminar estados emocionais da outra pessoa.
- Emocional: capacidade de compartilhar os sentimentos de outra pessoa. É sintonizar emocionalmente a pessoa e criar uma ressonância emocional.

- **Compaixão:** caracteriza-se por sentimentos de calor, preocupação e cuidado com o outro, além de uma forte motivação para melhorar o bem-estar do outro.

Diante do exposto acima, a habilidade empática pode ser considerada como a junção de uma série de fatores que podem alcançar o nível cognitivo, emocional e até mesmo levar a compaixão.

Neste sentido, o professor que é capaz de uma aceitação mais empática de seus alunos, quais podem estar com medo, desanimados, ansiosos, fatores esse que estão presentes quando se está em um ambiente diferente (ao entrar em uma nova escola por exemplo), com pessoas diferentes e ainda mais sendo a situação de início formal do aprender- o efeito do estabelecimento tanto de um ambiente que permita que a aprendizagem aconteça quanto na conexão criada entre professor-aluno, é de suma importância para que os alunos sintam-se capazes e em um ambiente seguro para a aprendizagem. (ROGERS, 1978 apud GONÇALVES, 2008, p.11).

Ainda para Rogers (1978), qual acredita ser essencial, para além da compreensão empática, outras duas atitudes que possibilitam uma facilitação da aprendizagem, quais sejam elas: a consideração positiva incondicional (percepção que o aluno é uma pessoa capaz de fazer o melhor possível para aprender) e a congruência do facilitador (auto percepção do professor de como se sente num determinado momento da aula).

Por fim e não obstante, vale ressaltar que a “compreensão empática” é definida por Rogers como a forma de se perceber de uma forma mais profunda o quadro interno de referência da outra pessoa como se fosse o próprio, com os seus significados e componentes emocionais. Ou seja, quando o professor tem a capacidade de compreender as reações e/ou comportamentos verbais ou não- verbais dos seus alunos, passa a ter uma consciência mais sensível da maneira pela qual o processo de educação e aprendizagem se apresenta a estes alunos e a sua realidade e então, mais uma vez, aumentam as possibilidades de uma aprendizagem significativa. (ROGERS, 1985 apud GONÇALVES, 2008, p.14)

Com isso, o presente estudo tem por objetivo discutir a respeito dos conceitos da disciplina positiva e sua importância para a interação professor-aluno, bem como introduzir possíveis estratégias e suas contribuições para a prática desta em sala de aula frente a comportamentos verbais e não verbais que os alunos comumente apresentam.

Trata-se de um estudo de caráter investigativo qualitativo, desenvolvido por ampla pesquisa bibliográfica a respeito do tema considerando como palavras-chave: Disciplina Positiva; Comportamento; Estratégias Pedagógicas.

DESENVOLVIMENTO

DISCIPLINA POSITIVA E SUA IMPORTÂNCIA PARA A PRÁTICA EM SALA DE AULA

Segundo Fernandes (2018), estamos imersos em métodos sobre a disciplina que vem sendo uma herança dos séculos passados, porém, muita coisa mudou, inclusive a forma de ver as crianças e como elas estão crescendo precocemente, fazendo com que elas não tenham medo da punição e de seus responsáveis.

Portanto, o autor destaca que a forma de disciplinar as crianças está sendo debatida para a melhoria diária e cita a Disciplina Positiva como sendo uma nova prática que vem ganhando força nesse assunto.

Ao estudar a origem da Disciplina Positiva, a contribuição da psicóloga e educadora, Dr^a. Jane Nelsen, é direta, pois foi ela quem desenvolveu o conceito da disciplina a partir das teorias dos psiquiatras Alfred Adler e Rudolf Dreikurs. Mãe de sete filhos, Nelsen foi a pioneira nos estudos, já que há mais de 30 anos, lançou o livro “*Positive Discipline*”, no qual defende que as crianças têm o direito à dignidade e ao respeito, assim como qualquer outra pessoa.

Antes de conceituar DP cabe entender o significado da palavra disciplina, que segundo Fernandes (2018) é atribuída de muitas maneiras, mas grande parte das pessoas que tem que lidar com a disciplina das crianças, logo ligam a palavra a um método punitivo e pejorativo, ou seja, para uma criança ser educada, ela necessita apenas obedecer e seguir as instruções que o adulto manda, conformando-se com a situação e seguindo um modelo de obediência e conformidade em que quando um adulto manda fazer, a criança deve apenas respeitar.

Porém, se pararmos para pensar, hoje em dia, as famílias têm uma forma mais igualitária, onde homens e mulheres saem para trabalhar, os jovens estão trabalhando em ideias inovadoras, crianças têm acessos a diversas fontes de informações. Como se pode esperar que as crianças tenham esse exemplo grandioso de avanço dentro de sala e não podem se sentir parte da sua própria educação?

É neste contexto que se insere a Disciplina Positiva, por ser uma filosofia pensada de maneira a fugir da punição e da recompensa. Seu objetivo central é a formação de cidadãos responsáveis, capazes de atuar em sua comunidade, cooperando uns com os outros. Educados de maneira democrática, com base em princípios, como respeito mútuo, igualdade, responsabilidades, etc.

Ainda, segundo diferentes estudos, além de ser filosófica é um quanto prática, isto é, trata-se de um modelo educativo composto por firmeza, afeto e empatia, que educadores e pais utilizam-se com as crianças, ou seja, uma prática de educar e conduzir na criação em seu desenvolvimento, colocando limites necessários e estabelecendo diálogos e cooperação com as crianças.

Segundo Fernandes (2018), a DP é capaz de fazer as crianças pensarem o que é

melhor a partir de opções que são oferecidas, partindo do pressuposto que não existe apenas uma verdade, que os adultos não estão sempre corretos, mas as crianças também são capazes de decidir o que é melhor para elas.

Para Martins (2015), no processo educativo há três elementos fundamentais: a identidade do sujeito da educação (características próprias); a fisionomia (corpo – parte material); e o ambiente envolvente a cada um deles, no tempo e no espaço. Portanto, para que haja um adequado processo de ensino aprendizagem deve-se buscar a articulação do educando, com as suas características próprias (possibilidades e condições para se educar) com o ambiente em que se educa ou aprende (espaço, contexto) e com o tempo instituído. Pois, pode-se dizer que a reflexão formativa e a análise do destinatário na interação do ato de educar é a corporeidade, que é o produto integral.

Conforme apresentado por Martins (2015), a corporeidade indica a essência ou a natureza do corpo, isto é, integra tudo o que preenche o espaço e se movimenta e, simultaneamente, localiza o ser humano no mundo com o corpo, enquanto objetividade (matéria) e subjetividade (alma, espírito).

Por este motivo, ainda segundo o autor, a corporeidade constitui-se nas seguintes dimensões educativas: física (estrutura orgânico-biofísica e motora); emocional-afetiva (instinto, pulsão, afeto); mental-espiritual (cognição, razão, pensamento, consciência); e sociocultural e histórica (valores, hábitos, sentidos, etc.). Parece, assim, definir-se como uma complexa dinâmica de auto-organização de uma corporeidade viva, baseada no conhecimento ‘do’ e ‘sobre’ o corpo.

Ao focar os comportamentos, gestos e movimentos que caracterizam o “não verbal”, de acordo com a síntese de aprendizagens disposta no item “Corpo, gestos e movimentos”, da versão final da BNCC, de 2017, pode-se listar alguns componentes inerentes às aprendizagens de crianças ao desenvolver esses elementos, como apresentado na Quadro 1.

Quadro 1 - Campo de experiência (Corpo, gestos e movimentos) x Objetivos de aprendizagem e desenvolvimentos de bebês e crianças até 5 anos e 11 meses

Faixa Etária	Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento
<i>Bebês de zero a 1 ano e 6 meses</i>	<i>Movimentar as partes do corpo para exprimir corporalmente emoções, necessidades e desejos. Experimentar as possibilidades corporais nas brincadeiras e interações em ambientes acolhedores e desafiantes. Imitar gestos e movimentos de outras crianças, adultos e animais. Participar do cuidado do seu corpo e da promoção do seu bem-estar. Utilizar os movimentos de preensão, encaixe e lançamento, ampliando suas possibilidades de manuseio de diferentes materiais e objetos.</i>
<i>Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)</i>	<i>Desenvolver progressivamente as habilidades manuais, adquirindo controle para desenhar, pintar, rasgar, folhear, entre outros. Apropriar-se de gestos e movimentos de sua cultura no cuidado de si e nos jogos e brincadeiras. Deslocar seu corpo no espaço, orientando-se por noções como em frente, atrás, no alto, embaixo, dentro, fora etc., ao se envolver em brincadeiras e atividades de diferentes naturezas. Explorar formas de deslocamento no espaço (pular, saltar, dançar), combinando movimentos e seguindo orientações. Demonstrar progressiva independência no cuidado do seu corpo.</i>
<i>Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)</i>	<i>Criar com o corpo formas diversificadas de expressão de sentimentos, sensações e emoções, tanto nas situações do cotidiano quanto em brincadeiras, dança, teatro, música. Demonstrar controle e adequação do uso de seu corpo em brincadeiras e jogos, escuta e reconto de histórias, atividades artísticas, entre outras possibilidades. Adotar hábitos de autocuidado relacionados a higiene, alimentação, conforto e aparência. Criar movimentos, gestos, olhares e mímicas em brincadeiras, jogos e atividades artísticas como dança, teatro e música. Coordenar suas habilidades manuais no atendimento adequado a seus interesses e necessidades em situações diversas.</i>

Fonte: Brasil, 2017.

Na sociedade atual, diversas áreas do conhecimento têm trazido à tona a importância do desenvolvimento de competências que não são cognitivas, mas socioemocionais, por exemplo, a persistência, a responsabilidade, a curiosidade, a empatia e a cooperação para o pleno desenvolvimento da pessoa, o que contribui para uma melhor autoestima, saúde mental, gerenciamento do estresse e ajuda a desenvolver maior perseverança e resiliência nas crianças.

Segundo Goellner (2007), o corpo é também construído pela linguagem que apenas reflete o que existe. O autor considera, ainda, que filmes, músicas, revistas, livros e

imagens, são também locais pedagógicos que estão, o tempo todo, a dizer de nós, seja pelo o que exibem o que ocultam.

É preciso destacar que as emoções das crianças raramente são postas em palavras; com muito mais frequência, são expressas sob outras formas. A chave para que possamos entender seus sentimentos e assim buscarmos compreender o complexo processo de aprendizagem está em nossa capacidade de interpretar canais não verbais, isto é, o tom da voz, gestos, expressão facial e outros canais.

Diversas áreas do conhecimento abordado a importância do desenvolvimento de competências que não são cognitivas, mas socioemocionais, por exemplo, a persistência, a responsabilidade, a curiosidade, a empatia e a cooperação para o pleno desenvolvimento da pessoa, o que contribui para uma melhor autoestima, saúde mental, gerenciamento do estresse e ajuda a desenvolver maior perseverança e resiliência.

Para Nóbrega (2005), a compreensão do corpo como elemento acessório no processo educativo ainda é predominante. Em seus estudos o autor busca apontar outros caminhos de compreensão do corpo na educação, segundo uma atitude que tende a superar o instrumentalismo e ampliar as referências educativas ao considerar a fenomenologia do corpo e sua relação com o conhecimento, incluindo reflexões contemporâneas sobre os processos cognitivos advindos de uma nova compreensão da percepção.

Assim, ao unirmos essas práticas, qual seja a Disciplina Positiva com a percepção corporal das crianças, estamos estimulando-as para interagir e buscar compreender o universo na qual elas estão inseridas. O que favorece o aprimoramento das práticas de aprendizagem utilizadas em sala de aula e contribui para uma maior percepção da realidade a qual estão inseridos e numa relação mais empática e solidária no ambiente escolar.

Ao refletir acerca da importância da fenomenologia do corpo das crianças e sua relação com a aprendizagem escolar, temos que ponderar algumas práticas utilizadas no processo de aprendizagem, como:

- a) Entender a importância de conhecer as necessidades por trás dos comportamentos da criança;
- b) Desenvolver o autocontrole e o autoconhecimento;
- c) Repensar os padrões comportamentais;
- d) Ensinar às crianças habilidades de vida sociais e intrapessoais como empatia e segurança em si mesma;
- e) Atender às crianças de forma consistente e amorosa.

A disciplina positiva empregada na aprendizagem escolar preza nas seguintes dimensões educativas:

- Física (estrutura orgânico-biofísica e motora);
- Emocional-afetiva (instinto, pulsão, afeto);
- Mental-espiritual (cognição, razão, pensamento, consciência); e
- Sociocultural e histórica (valores, hábitos, sentidos).

Cabe destacar a necessidade de se refletir sobre algumas práticas diárias que muitos pais e educadores se utilizam ao longo no desenvolvimento das crianças, para que assim possamos responder a cinco pilares:

Primeiro, o respeito. Se desejamos que as crianças nos respeitem e respeitem aos outros, precisamos refletir acerca de como estamos respeitando nosso semelhante. Nossa maneira de educar e interagir, contribui para que a criança se apodere de um senso de aceitação e importância? Todo ser humano busca se sentir aceito, amado e importante – especialmente as crianças que, muitas vezes, apresentam mau comportamento por não se sentirem assim; será que ao agirmos estamos conscientes de que nossos ensinamentos estão sendo válidos e contribuindo para respeitar as diferenças presentes em nossa sociedade?

Outra indagação necessária é: se estamos ajudando as crianças a desenvolver habilidades corporais e sociais para que elas possam se desenvolver em sua integralidade? Empatia, segurança e responsabilidade ajudam a criança a descobrir o quanto ela é capaz e a usar o seu poder pessoal de maneira útil, pois, conforme mencionado, no processo educativo há três elementos fundamentais: a identidade do sujeito da educação (características próprias); a fisionomia (corpo – parte material); e o ambiente envolvente a cada um deles, no tempo e no espaço, que, ao incorporá-las aos poucos, educadores e pais, favorecem o uma relação mais agradável e leve com as crianças.

A prática da disciplina no ambiente escolar nos faz pensar sobre nossa própria personalidade, em como foi nossa infância e, como consequência, isso nos ajuda a entender o que está por trás das suas reações sobre os comportamentos das crianças. Essas reflexões são fundamentais para que aprendamos a lidar com as diferentes gerações e hábitos ao longo das últimas décadas.

Ao analisar a maneira com que agimos diante determinados acontecimentos, é preciso ter consciência de como nossa criação reflete diretamente em nosso futuro, uma vez que, os primeiros anos são primordiais para o processo de desenvolvimento e cognição das crianças diante das adversidades.

Alguns educadores e pais, não sabem ou não imaginam de que seus comporta-

mentos são reflexos de seus ensinamentos que tiveram nos seus primeiros anos de vida, o que compromete diretamente na relação corporal e na educação de crianças, que é ou foi criada a partir da lógica da imposição e obediência, gerando medo e não respeito.

Nos séculos XIX e XX, a escola assumiu as funções de educação, nomeadamente as que pertenciam à comunidade e à família; a de vai deixando de ser ensinada nas escolas tornou-se um gênero menor, substituída, por exemplo, pela ginástica ou educação física. (MANACORDA, 1999 apud NÓBREGA, 2005, p. 599-615)

A partir do século XIX, à educação cortesã, caça, música, dança e letras somam-se os cuidados com o corpo e uma nova dimensão da educação, viabilizada pelas escolas de ginástica e pelo esporte. Logo, sabe-se, por vários meios, que essa forma de lidar com as crianças no que diz respeito a sua relação de corporeidade, traz efeitos extremamente positivos nas relações de aprendizagem e familiares.

Para Buss-Simão (2010) é preciso problematizar a dimensão corporal das crianças no que tange à constituição de suas identidades, relacionamentos e interações como construções e heranças, tanto da natureza quanto da cultura. Entender que a ação educativa carrega consigo uma fortíssima dimensão interventiva, mesmo quando não temos consciência disso.

Significa que educadores alinhados com propostas político-pedagógicas emancipatórias necessitam manter constante vigilância política e epistêmica sobre suas ações, e assim exercitar com perseverança e sensibilidade, uma profunda reflexão em torno das questões que atravessam as diferenças de classe, de gênero, de etnia, de nacionalidade, de religião e de geração.

Precisa ser trazido à luz que essa filosofia busca, sobretudo de incentivar a cooperação, estreitar vínculo com a criança e trabalhar habilidades corporais, intrapessoais e sociais.

A Disciplina Positiva busca preparar a criança para o mundo, e, algumas considerações são pertinentes:

- Como a gente imagina nossas crianças daqui a 15, 20 ou 30 anos?
- De que maneira podemos contribuir para que as crianças se tornem humanos confiantes, seguros, responsáveis, amorosos, independentes, etc.

A vantagem de aplicar essas estratégias é em longo prazo, uma vez que, temos que buscar apontar outros caminhos de compreensão na relação corporeidade e educação, segundo uma atitude que busca superar o instrumentalismo e ampliar as referências educativas, ao considerarmos a fenomenologia do corpo e sua relação com o conhecimento, para que então se possa ocorrer uma transformação mais profunda na educação

escolar e na aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

Fernandes (2018) cita que quando se trata de crianças, podemos considerá-las ingênuas e dependentes. Isso pode acontecer por estarem conhecendo o mundo aos poucos, o que requer ajuda e apoio dos mais experientes, porém isso não quer dizer que as crianças não tenham uma opinião e não queiram opinar no que julgam o melhor para elas.

Ainda segundo o autor, é importante compreender que a criança é um ser que vai se basear suas atitudes no que o adulto mais próximo fizer, ou seja, os pais e/os educadores. Por exemplo, se os pais são pessoas extremamente violentas, isso vai refletir na criança tornando-o violento e qualquer problema que tiver na vida, inicialmente na escola, será resolvido com violência. Não podemos cobrar uma atitude da criança que nem os adultos em sua volta, fazem.

Muitos educadores não sabem ou não imaginam de que seus comportamentos são reflexos de seus ensinamentos que tiveram nos seus primeiros anos de vida (e por isto são tão importantes). A sociedade mudou e a educação segue seus novos desafios.

No cotidiano das escolas, pode-se observar que, quando os educadores não deixam as crianças se expressar, assumindo o lugar da fala, muitas vezes é porque também foram criados assim e não tivemos essa opção. Quando gritam com as crianças (o que gera um bloqueio na criança), pode ser que estejam repetindo esse padrão da sua infância.

Logo, não se pode contar com o imediatismo sendo preciso lembrar de que esse é um processo extremamente novo para todos. Sabe-se, por vários meios, que essa forma de lidar com as crianças traz efeitos extremamente positivos nas relações familiares e, especialmente, no futuro delas.

Assim, para que a disciplina positiva realmente aconteça, é necessária uma mudança de postura, sabendo que a criança possui personalidade e vontades próprias e, por isso, alguns dias serão mais desafiadores, pois, nem sempre as técnicas funcionarão, nem mesmo uma mesma estratégia abrangerá as necessidades de cada criança. Nem sempre nossos alunos/filhos responderão como gostaríamos, mas são nestas situações que será preciso colocar a intervenção em prática.

ESTRATÉGIAS PARA A PRÁTICA DA DISCIPLINA POSITIVA FRENTE A COMPORTAMENTO VERBAIS E NÃO VERBAIS

Considerando a ponta do iceberg (comportamento) e mais além, a parte submersa a ele, que seria o que está por trás desse comportamento. A Figura 1 apresenta o quadro dos objetivos equivocados citados por Jane Nelsen e que foram identificados por Rudolf Dreikus.



Figura 1 – Atenção indevida X objetivo da Criança
Fonte: Autores, 2020 a partir de Nelsen, 2017.

Assim, de acordo com Nelsen (2017), alguns comportamentos podem se encaixar em todos os objetivos equivocados, o não fazer a lição de casa é um bom exemplo. Se o fato de uma criança se recusar a fazer a lição de casa fizer você ficar irritado ou preocupado, o objetivo equivocado da criança é atenção indevida. Quando esse comportamento fizer você sentir desafiado ou derrotado, o objetivo equivocado da criança é poder mal dirigido. Quando esse comportamento fizer você se sentir magoado ou despontado, o objetivo equivocado da criança é vingança. E quando esse comportamento fizer você se sentir sem esperança, o objetivo equivocado da criança é inadequação assumida.

Logo, quando nos deparamos com alguns comportamentos por parte dos alunos, é preciso que saibamos de que maneira lidar com as crenças desencorajadoras que alimentam um comportamento anterior.

Considerando as considerações de Nelsen (2017), foi criado um quadro de alguns dos objetivos equivocados que a autora cita em seu livro. Além disso, sugestões de como lidar com comportamentos em diversas situações, com os alunos (as), são apresentadas logo em seguida, em forma de frases encorajadoras.

O quadro a seguir é composto de informações inerentes aos objetivos equivocados, qual apresenta algumas sugestões que convidam as crianças/alunos (as) que se comportam de maneira indevida, a agir de uma forma mais respeitosa, incentivadora e empoderadora.

Quadro 2 - Alguns dos Objetivos Equivocados

O objetivo da criança é:	Se o pai ou mãe/professor se sente:	E tende a reagir:	E se a resposta da criança é:	A crença por trás do comportamento da criança é:	Mensagens codificadas:	Respostas proativas e estimuladoras dos pais/professores incluem:
Atenção indevida (para manter os outros ocupados ou conseguir tratamento especial)	Aborrecido Culpado Irritado Preocupado	Lembrando Adulando Fazendo coisas pela criança que ela mesma pode fazer	Para um pouco, mas depois retoma o mesmo comportamento ou até mesmo outro tipo de comportamento	Eu importo (sou aceito) só quando estou sendo percebido ou recebendo tratamento especial. Só sou importante quando mantenho você ocupado comigo.	Dê-me atenção. Envolve-me em algo útil.	Redirecione, envolva o aluno/criança em algo útil. Diga o que ele (a) deve fazer. Evite dar atenção especial.
Poder mal dirigido (para estar no comando)	Ameaçado Derrotado (a) Desafiado (a)	Brigando Cedendo Pensando "vou te obrigar" Querendo estar certo	Intensifica o comportamento Acha que venceu quando pais/professores são contrariados mesmo quando tem que obedecer	Só sou aceito quando sou chefe, estou no controle ou provando que ninguém manda em mim. "Você não pode me obrigar".	Deixe-me ajudar. Dê-me escolhas.	Redirecione o poder para que ele (a) se torne positivo, pedindo ajuda da criança. Ofereça escolhas limitadas. Não lute e não desista. Seja firme e gentil. Aja, não fale.

Fonte: Autores, 2020 a partir de Nelsen, 2017.

Se, por exemplo, a atenção é indevida, a criança pode estar pedindo por atenção ou até mesmo para que nós, enquanto professores, a envolvamos em algo útil. Desta forma, algumas das frases a dizer diante dessa situação e comportamento são:

- Vamos fazer um acordo? Que tal se você se sentar e fazer sua atividade e então podemos conversar com calma por alguns minutos depois? Na hora do intervalo é uma boa ideia, certo?
- Isso é importante. Por favor, lembre de dizer quando estivermos no momento de pauta, okay?
- Eu estou te ouvindo, mas não consigo responder até a hora do intervalo.
- Você estaria disposto a organizar estes papéis ou aqueles lápis que estão sobre a mesa?

A seguir relaciona-se alguns exemplos de respostas aos alunos diante de situações comportamentais de poder mal dirigido:

- O que você entendeu sobre o nosso combinado?
- Ok. Pelo visto você entendeu
- Agora, me diga, por favor, qual foi o nosso combinado então?
- Vamos fazer um combinado/negociar. Por que você não me diz o que está pensando?

do e eu lhe digo o que penso e poderemos achar uma ótima solução para nós dois.

- Bem, esta é uma maneira de ver as coisas. Eu vejo um pouco diferente. Quer que eu te conte?



Figura 2 - Poder mal dirigido segundo Nelsen (2017)

Fonte: Autores, 2020.

CONCLUSÃO

A Disciplina Positiva aliada às práticas corporais das crianças na aprendizagem escolar é uma prática enriquecedora, afinal, por meio delas, educadores e pais buscam contribuir nas habilidades socioemocionais e no processo de aprendizagem das crianças.

Além disso, aliadas, elas corroboram na maneira de facilitar a comunicação entre os educadores e alunos e na construção de conexões de apoio com todos os membros da classe – independentemente do tipo de aluno – trabalhando na percepção da realidade dos fatos que os rodeiam, a disciplina positiva junto com estímulos dos educadores nas práticas corporais das crianças.

Para Martins (2015) ressalta que a educação no contexto de pós-modernidade, intenta instituir códigos morais que estabelecem condutas e reprimem as possibilidades de expressão do corpo, num distanciamento entre a aprendizagem e as vivências do sujeito, sendo assim, a corporeidade na aprendizagem implica uma compreensão na relação 'corpo – aprendizagem – cultura', através do diálogo epistemológico entre as ciências sociais e humanas ou ciências da educação.

Na sociedade atual não há mais espaço para um contexto punitivo e pejorativo. As crianças estão se desenvolvendo num mundo sem precedentes, em que a informação está disponível em abundância e em crescente velocidade, o que faz com que nossa mentalidade abandone de vez com métodos arcaicos e autoritários de educação.

A sociedade mudou e considerando as suas transformações que na maioria das

vezes acontece a partir de nós mesmos, temos a obrigação de aprender sobre o nosso estilo de liderança e o impacto que geramos em nossos alunos, para que assim, possamos contribuir na construção de um ambiente de aprendizagem favorável no desenvolvimento das habilidades corporais, sociais e emocionais, para que as crianças sejam protagonistas para entender e gerenciar seus conflitos e emoções.

Precisamos abandonar métodos arcaicos e autoritários de educação. Na sociedade atual não mais espaço para um contexto punitivo e pejorativo, quando as crianças obedeciam, sem reclamar, tudo o que o professor lhes pedia.

As crianças estão se desenvolvendo num mundo sem precedentes, em que a informação está disponível em abundância e em crescente velocidade. Sendo assim, precisamos nos questionar de como esperar obediência e conformidade tempos atuais, num cenário em que os modelos de estrutura familiar e organização trabalhista são tão diferentes.

Com a prática da disciplina positiva, os educadores do Brasil ganham e muito. Ganham alternativas para lidar com os comportamentos desafiantes dos alunos e filhos de uma forma eficiente e enriquecedora, alcançando relações mais harmoniosas e que proporcionem aos educandos passarem por um processo de aprendizagem que valide suas emoções e progressos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/ CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/imagens/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: dez. de 2019.
- BUSS-SIMÃO, M.; MEDEIROS, F.E.; SILVA, A.M.; SILVA FILHO, J.J. **Corpo e infância: natureza e cultura em confronto**. Educação em Revista (UFMG. Impresso), v.26, p. 151-168, 2010.
- FERNANDES, Camila Carneiro de Mendonça. **Disciplina Positiva: Uma mudança de paradigma**. 2018. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/21681/1/2018_CamilaCarneiroDeMendoncaFernandes_tcc.pdf. Acesso em: maio de 2020.
- GOELLNER, S. V. **A produção cultural do corpo**. In: LOURO, G. L.; GOELLNER, S.V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- GOLEMAN, D. **Social intelligence: the new science of human relationships**. October 2014. A Division of Random House, Inc. New York, New York. Chapter 4. An Instinct for Altruism, page 1092.
- KOHAN, W. **Paulo Freire e o valor da igualdade em educação**. Educação e Pesquisa, v. 45, p. e201600
- MARTINS, E.C. **A corporeidade na aprendizagem escolar (Entrelaços fenomenológicos do pensar e agir)**. In: Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n.56, p. 163-180, abr.-jun. 2015
- NELSEN, J. **Disciplina Positiva em sala de aula**. 4. ed. Barueri, SP: Manole, 2017.

NÓBREGA, T.P. da. **Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo.** Revista Educação e Sociedade, v. 26, n. 91, p. 599-615, maio-ago., 2005.

LACERDA, Mariana. **O que é disciplina positiva.** 13 de mar. de 2019. Disponível em: <<https://marianalacerda.com.br/o-que-e-a-disciplina-positiva/>> acesso em: 24 de jun. 2019.

ROGERS, C. R. (1978). **Liberdade para Aprender.** Belo Horizonte: Interlivros.

ROGERS, C. R. (1985). **Liberdade de Aprender: Em nossa década.** Porto Alegre: Artes Médicas.